

# VIDA FLUMINENSE

Folha Illustrada

ESCRITORIO

RUA DO OUVIDOR

52-cobrado-52

CORTE

Trimestre  
Semestre  
Anno

3\$000  
10\$000  
20\$000

PROVINCIAIS

Semestre  
Anno  
Avulso

11\$000  
21\$000  
1\$000



O General Antonio da Silva Paranhos.

## A VIDA FLUMINENSE

Rio, 28 de Maio de 1870.

Tenho sido perseguido por um pesadelo.

Não ha noite em que elle me não martyrise, uma vez pelo menos.

E' horrivel!

Dizem que a espada de Damocles ora um supplicio insupportavel. Qual!

São pois que os antigos inventaram no tempo em que o mundo andava ainda de gatas.

Hoje os tempos mudaram. Com o progress actual, com o vapor, com a electricidade, com a emigração chinesa, com os brinds de rodas e com os outros de papel (que tem feito andar á roda tanta cabocinha), com os allhados e sobrinhos, hoje faze-se mais fino.

Muito mais fino, se não que o diga a *Reforma*, que nestas cousas falla de cadeia.

Hoje a espada de Damocles não seria mais que uma espalhinha de pau, dessas com que nossos filhos se divertem, como um financeiro cá de casa se diverte com duzentos contos de réis.

O meu supplicio, minha tortura, meu Damocles, meu pesadelo, enfim é:

## A ARCHIBANCADA DO NORTE!

Reconheço que não ha monumento mais patriótico no Imperio, do que esse construido no campo de Sant'Anna, e que os autores só tiveram em mira tornar mais brilhante AINDA a festa *italo-nacional*, proporcionando ao bello sexo e aos seus respeitaveis patriarellas lugares commodos, de onde, *mediante modica retribuição*, fosse apreciado o patriotismo... com que o governo applica ás urgencias da guerra (aos contribuintes) uma insignificante parcelita do rotundo fisco.

Ha por ahí quem grite: — «E' muito mal feito espacular com uma cousa tão seria!»

Mas são uns patetas, os que dizem isso.

Patetas, sim! Patetissimos!

Se a samara municipal consentio na edificação, sob taes condições, dos palanques, é porque... é porque a ideia é boa.

Demais, se se paga para ir ao circo Bartholomeu, se se paga para vêr as fôras paraguayas da rua dos Invalidos, se se pagam tantos outros divertimentos, menos divertidos, porque não se hade pagar para assistir ao Te-Deum?

Sejam logicos, com a breca!

Mas divaguei, divaguei, e ainda não disse em que consiste meu pesadelo.

Ahi vai elle:

Sonho todas as noites que o mencionado palanque, no melhor da festa, desconjuncta-se, estala e vem abaixo, esmagando alguns contos d' imprudentes, que se animaram a entrar em tal ratoeira municipal... (este municipal está aqui por engano; eu queria dizer nacional).

O peor é que ha um engenheiro que, sem sonhar, tambem tem o mesmo pesadelo, sempre que examina com seus olhos entendidos aquelles caibosinhos tão...

A 101 C.

## Assumpto de varias côres

O conselheiro d'Estado.—A accusação feita pelo conselheiro Reys.—A defesa do Sr. G. J. da Silva, *interduzida por elle mesmo*—O decido.—Muito de ramo.—O Sr. Peirão e a sua *disputadissima*—Solidariedade artistica no theatro Lyrico.—Gravissimo, é um concerto que promette.—Pinça Junior, os invencidos e o visconde d'Almeida Garrett.—Muito de obter um lugar na Phoenix, e conselhos que dão ao leitor da côra e subcôra.

Para que a attenção publica não ficasse em apathia durante a prologação dos *celebrissimos* festejos officiaes, uma questio bancaria do subido alcance veio dar pasto aos fallatorios, e trazir a terreiro mais uma das pagas, que o conselho d'Estado e istuma pragre... aquelles que não tiram escandalosamente da circulação commercial uma baguella de doze mil contos para converter em applicos á razão de 84.

A *trien* bancaria nunca foi o meu forte; mas, é força dizer que a resolução do conselho d'Estado na pendencia entre o conselheiro Reis e a directoria do «Banco Rural» traz á lembrança o procedimento de certo juiz, que condemnava justa ou injustamente a maior parte dos réus que lhe cahiam debaixo da jurisdição, absolvendo tão sómente aquelles de quem esperava... auxilios pecuniarios. O *digno* magistrado contrahallava assim ás cousas lá a seu gosto, e, attendendo o estomago de preferencia á justiça, achava, segundo dizem, modos de ficar sempre bem com a sua consciencia!

Seja como fór uma grande maioria de homens sizados pronuncia-se a favor do conselheiro Reis—e quando isso não bastasse, uma circumstancia, para mim de muito mais pozo, vem fechar o campo ás duvidas e provar que na accusação contra as irregularidades do banco da rua d' Quitanda defendida do Sr. Reis os legitimos interesses dos acionistas daquello estabelecimento.

E' troça geral—quando o accusado não tem defesa prompta e satisfactoria recorre a dous expedientes conhecidos. O *appel*—d' opinião publica para que suspenda o seu juizo é um delles—o insulto constitue o segundo.

Respondendo á exposição publicada pelo conselheiro Reis nos *pedidos do Jornal do Commercio*, o Sr. C. J. da Silva lança mão de ambos os expedientes apontados, logo.....

Passo adiante.

Proseguem activamente no « S. Pedro » os ensaios da *Extinção da Dictadura*, peça symbolica de quoji fallou ao leitor na semana passada, e que, a julgar pelo luxo *hors ligne* do *mise scène*, jmo parece destinada a tornar-se o mais deslumbrante successo daquelle theatro.

O scenario, já prompto, é de grande illusão e effeito, e quanto a COSTUMES trata a *Musé* de deltar a livreria abaixo para apresentar ao publico do Rio de Janeiro o que ha de mais elegante e luxuoso nesse genero.

Só a roupa de Satanaz custa 4000000! Imaginem.

Coadjuvado por Mlle. Delmary, pelo Sr. Ricardo Ferreira de Carvalho e outros artistas de provado merito, annuncia o Sr. André Gräwenstein um grande concerto em seu beneficio na scena do theatro francez. Prostando culto aos melhores mestres, e ás escolas mais afamadas conseguiu o beneficiado combinar um programma variado, onde, a par das peças classicas de Webber, Meyerbeer e Rossini, figuram alguns trechos de Donizetti, Gounod e Lumbye.

André Gräwenstein é um desses artistas que tem sabido adquirir direitos á protecção publica. Como chefe d'orchestra, não vejo por ahí muitos que possam fazer-lhe sombra: como homem, contam-se poucos tão leaes e tão zelosos no cumprimento de seus deveres: como artista.... falta-lhe apenas o *savoir faire*... essa poeira nos olhos, a que outros devem uma reputação... nem sempre justificada pela respectiva habilidade artistica.

Está fixada para 30 a solemnidade artistica, que mestre Arnaud pretende realisar no theatro Lyrico.

E' para sentir que Mesquita se lembrasse tão tarde de escrever o seu *partido da Nuit au Chateau*, o que o indifferetismo do publico obrigasse o director do Alcazar a marcar, para muito antes do que devesse, a terminação da serie de representações que deviam ainda dar-se no seu theatro:—duas circumstancias, que apenas concedem aos numerosos amadores da musica nacional uma ou duas audições da opera-comica do Sr. Mesquita, ou o tempo necessario para ouvir a sua poder julgá-la conscienciosamente.

Entretanto são dignos de louvor os esforços do maestro brasileiro em pró de uma arte, que parece votada ao es-

quecimento entre nós; e ainda mais louvavel o procedimento da direcção do Alcazar, que, tendo apenas diante de si o espaço necessario para dois espectaculos, não hesitou em submeter ás provas publicas um trabalho nacional, de que não pôde auferir os lucros correspondentes no tempo gasto em ensaios e ás despesas de um espectáculo inteiramente novo.

O recente trabalho do Dr. França Junior veio confirmar a alta opinião que o publico illustrado do Rio de Janeiro de ha muito formava acerca do inquestionavel talento do author da *Meia hora de cynismo*, *Typas da actualidade* e outras obras satyricas tão apreciadas quando outr'ora faziam parte do repertorio dos nossos theatros.

Como quadro descriptivo dos costumes da nossa sociedade não sei de outro que possa collocar-se ao lado do *Beijo de Judas*. As figuras são desenhadas á obra vivas e traços vigorosos, e na composição conseguiu o author trazer a terceiro certas minuciosidades de viver intimo, de que poucos saberiam tirar partido.

Como era de esperar, sempre que no theatro brasileiro se apresenta alguma coisa com gozo, appareceram alguns invejosos, poucos felizmente, que apenas concedem á comedia...circumstancias atenuantes.

Outro tanto succedeu ao visconde d'Almeida Garret, quando *A Sobrinha do Marquez* subiu as provas publicas, em Lisboa. Os *fradiqueiras* da litteratura cahiram-lhe em cima assacando á peça milhares de defeitos: — falta de enredo, — dialogo longo, — pouco movimento, — escassez de peripetias, ...que sei eu!...

Sabem o que fez Garret? Convenção de que escrevera uma obra em tudo de accordo com a época em que a acção se passára, juntou ao prefacio, quando deu *A Sobrinha do Marquez*, á estampa, as seguintes palavras: « Se alguém queria ver outra coisa n'uma peça do tempo do Marquez de Pombal, esse alguém, prebore a sua ausencia, é tudo; e sabe tanto o que é o Portugal em que vive, como aquelle em que viveu seu pai e seu avô. »

Lição igual merecem os que queriam, talvez, encontrar veneno, punhalas, reconhecimentos, lanjeoulas e europeis, n'uma peça de costumes brasileiros em 1870!...

Quem, nas noites em que se representa o *Novo Mandamento* quizer obter um lugar na Phénix, deve mandar comprar o bilhete de ingresso ás 8 da manhã, e pôr-se a caminho na direcção do theatro antes que o sol se escondia no horizonte.

Os que moram longe devem chegar na vesperta; aliás arriscam-se a obter, quando muito, um banco no

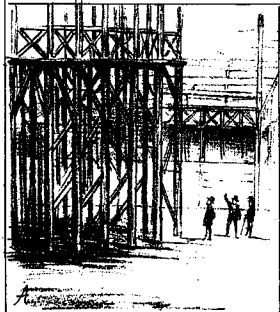
A VIDA FLUMINENSE



*M. Neryoso.*



Um tem por si a "Opinião Publica" - os outros são aproveitados pelo "Conselho do Estado". Não é difícil saborear quem tem razão.



Aspecto do novo templo do Caminho de Sant'Anna.  
Um inglês que por alli andara, ha-scandalisou-se. Este coude, parcoure, tanta floresta de mau terre na ruivura! "O' yes!"

Dizem que na occasião de sua sahida os jesuitas o acompanharam até bordo de creos de saudade e cobrindo-o de milhares de bençãos!

jardim donde poderia vêr alguma cousa sem ouvir cousa alguma.

Que carreira faz o tal *Novo Mandamento*! Apre!... é do mais!

Se estivéssemos em Janeiro repetia-se na sala o episodio da mulher assada, não ha que vêr.

A. DA A.

## Passelos á chuva

(Continuação)

X

— Conforme eu disse no principio de meus —Passos—, tenho á meu alcance, a todo o momento que desejo, variar de distrações sem nem ao menos salir de meu gabinete.

— Ah! é que está o bom do meu systema e que recomendo aos meus leitores que o ponham em pratica n'aquellas occasiões aziaças em que a mocidade pende tristemente á fronte e procura fazer erect ao mundo, que está pensando em tudo,—menos em dinheiro.

— Cheguei n'um ponto do episodio de meu —Passos—, relativo á visinha A., que engançou-me, isto é, que foi necessario enganar-me.

— O que fazer em tal caso? dar passa-porte á bella menina como victima da febre amarella?

— Oh! isso seria ser deshumano!

— A visinha A., leitor, ainda vive, ainda é seductora; mas convido que a deixe em sua residencia e que vá buscar a familia Velocipede, para fazer-nos companhia em nosso—Passos.

XI

— A familia Velocipede é a porção de gente mais singular que conheço neste mundo; por isso tomo a liberdade de apresental-a ao leitor.

— O Sr. Velocipede é um sujeito alto, magro, de olhar vago e que ri por todo o qualquer motivo; falla muito e quer dizer tudo ao mesmo tempo, já lou uma vez a Constituição do Imperio, e ficou convencido que as garantias concedidas ao cidadão, que o erá somente á elle, e portanto julga-se com direito a exorbitar com qualquer, na *innocente* crença de que é somente elle—cidadão Velocipede—o unico protegido pelas leis do paiz.—Feliz mortal!

— A senhora Velocipede, coitada, não é mercedora nem de uma descripção; não sendo nem ao menos uma belleza vulgar, possui o dote, que contrasta com seu marido, de fallar com tanta pausa, suspiros e considerações, que quando contão juntos o mesmo caso a um auditorio dividido *apparentemente* em duas atenções, elle

está no final do epilogo, (onde sempre ha bordoadas e sangue) quando a pachorrenta senhora prepara-se para contar a já ouvida—introdução.

— Este feliz casal possui uma *interessante* filha de dezoito annos, é a menina Velocipede.

— Rosto redondo e que não tendo a honra do ser moço, muito longo está de ser claro; olhos tambem redondos e provocadores, quando nada, da companhia dos rapazes; boca parece que feita á navalha e dentes d'os marfim já usados; eis o frontespicio dessa menina.

— A mamã Velocipede teria tido uma infeliz lembrança se tivesse querido fazer da interessante filha, uma boa modista; porque nella denota, mesmo o espirito menos observador, um *excesso* tal de gosto, que se torna sensível até ao pregar de uma alfinete.

— São essas as tres unidades que compõem a familia Velocipede, que juntas ás duas fracções Bernabé e Hilaria, formam um ridiculo e destructivel numero mixto.

XII

— Uma vez que estamos passando hade conceder-me o leitor, permissoo para eu contar-lhe um scetro do Sr. Velocipede e que se torna extensivo á muita gente boa—querer quebrar a cara á melo mundo por causa, muitas vezes, de um punhado de vento!

— O Sr. Velocipede não admittie que oho-se para a mulher ou para a filha; que se lhe diga um gracejo em resposta aos muitos que toma a liberdade de dizer; em summa: julga-se o unico individuo inviolavel e sagrado mesmo.

— O que é que o Sr. Velocipede entenderá comisso quando diz:—Eu lhe quebro a cara?

— Deus o sabe.

— No primeiro dia em que tive a *felicidade* do vêr a familia Velocipede, um mão anjo me acompanhava; digo um mão anjo, porque supponho que nesse—anjo da guarda—não é effectivo, mas sim substituido, pelo menos de vinte e quatro em vinte e quatro horas.

— Como ia dizendo, um mão anjo, ou antes um anjo patusco, acompanhava-me nesse dia.

— Então Sr. Ambrosio, dizia eu a conversar com um visinho no portão de uma chacara proxima á minha residencia,—o que me diz da familia que voio hoje da cidade para casa da viuva Figueira?

— «O que eu digo?»—replicou o Sr. Ambrosio,—o que eu digo é que o chefe della, o Sr. Velocipede, é um refinado tratante.

— O Sr. Ambrosio o conhece?

— Infelizmente.

— Diga-me, Sr. Ambrosio, o tal Sr. Velocipede é careca?

— Porque faz o senhor essa pergunta?  
— E' porque conheço um Sr. Velocidade careco, o desejava formar um casal dellas, mormente sendo elle tratante, e.....

— ... « Espera que eu vou contar a papai ».  
— Nesse momento ohei para o lado do onde partiu a voz que me interrompeu e vi um nhôhôsinho de dez para onze annos, e que me ameaçava com os punhos cerrados:

— « Espero, seu pelintia, que eu vou contar a papai que hade vir quibrar-lhe a cara. »

— O nhôhô que me fallava de tal sorte era filho do Sr. Velocidade e que entre outras crianças da vizinhança, aproximou-se do lugar em que eu conversava com o Sr. Ambrosio, justamente no momento que eu machucava conseguir mais uma ratidade para o meu pato de bichos.

— E o menino depois de offerecer-me meia duzia de bonitas expressões, deitou a correr para a casa em que estava o papai.

— Poucos momentos depois apparecia no portão da referida casa, um sujeito com as feições extremamente alteradas, os cabellos em desalinho e aubas as mãos apoiadas na cintura; olhou para o lado em que eu estava, mirou-me á vontade, bufou duas vezes e exclamou com voz de trovão:

— E' um pelintia!

(Continua.)

## FOLHETIM DA VIDA FLUMINENSE

### O SEGREDO DE MISS AURORA

Por

M. P. BRADDOCK.

(Continuação)

Com mais algumas perguntas feitas no domo da loja, e que obrigando o bom mercador a consultar o seu velho livro de notas, conseguiu o agente de policia saber que, além dos imigrantes, que haviam partido para Austinia, tambem um jardineiro de Melilli Park, chamado Dawson, tinha comprado uma jaqueta comprida, de ramacis amarellas, que fuzia parte de um cinto de frangas de ramacis amarellas, que fuzia parte de um cinto de frangas de ramacis amarellas. Era quanto o agente policial desmontou comprido de duas lonças de seda em meio ao o e ajuizou-se contento para a estalagem em que morava. Depois de uma ligeira refeição, o agente encaminhou-se a pé para Melilli Park, onde chegou das dez para as onze horas. Talbot e John, que o haviam esperando todo o dia com impaciencia, receberam-no proprio quarto de John.

Aurora e Lucia já se tinham recolhido aos seus aposentos. John lançou um olhar cheio de anxiedade sobre o agente, e fallar, quando um significativo gesto de Talbot, que o Sr. Grimsone não chegou a vêr, chamou-o ao silencio.

— Então? Que ha do novo? perguntou Talbot ao agente, depois de fechar a porta do quarto.

— Muito ou nada! respondeu o agente, bom sabe que nas nossas pesquisas podemos enganar-nos facilmente. Entretanto tenho um presentimento que aqui a ponta do emaranhado fio.

— O Sr. Melilli não tem ao seu serviço um jardineiro, chamado Dawson? perguntou Grimsone.

— Tenho (respondeu John); mas não foi elle de certo o assassino.

Dawson é um homem incapaz de...

— Não duvido (atallhou o agente); mas não obstante preciso fallar-lhe já.

— Já? (perguntou admirado Melilli).

— Quando antes. N'estes casos qualquer demora pôde ser muito prejudicial a todos.

— Bem! Vou mandal-o chamar (retorquiu John); porém a esta hora deve estar deitado.

— Levantare-se ha. Não vai fallar lhe sem perda de tempo. Ninguém poderá lucrar mais com isso do que o Sr. Melilli.

— Remontando John foi pessoalmente a sala dos criados chamar Dawson, o agente, voltando-se para Talbot, disse-lhe:

— Não aconteceu por aqui nada de novo depois que me retirei hontem, creio eu.

— Acoute-se, sim. Recorremos a numerção dos bilhetes que a Sr. Aurora havia dado ao assassino. O Sr. Flayd, logo que recebeu o meu telegramma, jazeu a cabuêlo e aqui chegou haverá uma hora, trazendo a numerção e serie do bilhete dado á sua filha.

— Cinco minutos depois voltou John em companhia do jardineiro. O agente, disse-lhe em tom cortez:

— Senhor Dawson quero dirigilhe uma ou duas perguntas para decidir certa aposta que fiz com estes cavalheiros. Diga-me comprou algum jaquetão. Já usado haverá uma ou meio, e uma casa de roupa feita?

— Sim, senhor; comprei, mas não era usado, antes bem novinho.

— Com umas ramacis amarellas adoro campo casaco? Dawson fez com a cabeça um signal affirmativo, porém não pôde proferir palavra, tão surpreso ficou vendo um residente de Londres estar tão ao facto dos detalhes da compra realisada havia tanto tempo.

— Ainda possuio esse jaquetão?

— Não, senhor; estraguei-se no pesado serviço do jardim, por isso não o tenho.

— An illota? (exclamou Grimsone) quem é o illota?

— E' o homem de quem fallamos hontem á noite (respondeu Talbot); o homem que o Sr. Melilli encontrou no gabinete de seu marido na manhã do dia em que foi commetido o crime. O illota chama-se Stephen Harrgrave.

— Bem! Bem! E quanto desejava saber (murmurou o agente) basta, Sr. Dawson, desmonte esse dirigilho se ao jardineiro... Basta, Sr. Dawson, desmonte esse dirigilho se ao jardineiro... Basta, Sr. Dawson, desmonte esse dirigilho se ao jardineiro...

— Qual? Minha casaca é tão enfiada, que se se tivesse enfiado algum ella teria sido muito longa, antes que se perdesse.

— Obrigado, senhor Dawson (replicou o agente amavelmente) boa noite!

— Mas retirou-se o jardineiro, disse o Sr. Grimsone:

— Creio que entramos no attilio que nos conduzirão ao ponto desejado; porém quanto menos fallarmos a tal respeito, melhor será. Vamos vêr a numerção e serie dos bilhetes; creio que brevemente poderei receber as duzentas libras sterlingas prometidas pelo Sr. Melilli.

Meia hora depois o Sr. Grimsone voltava para Dunestre, levando no bolso do paletão a lista feita pelo presidente benquerido Archibald Flayd.

### CAPITULO XXXVII

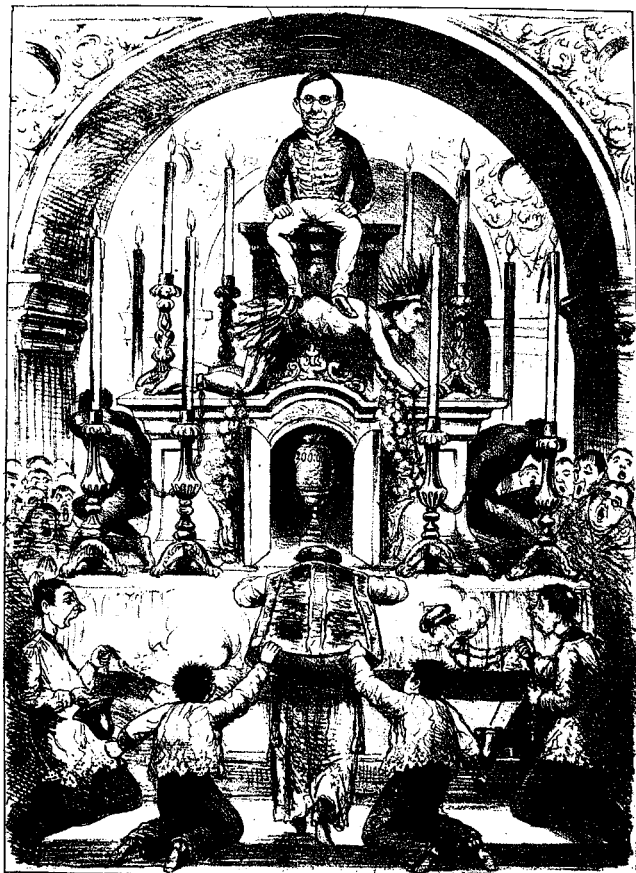
#### FINALMENTE!

O primeiro enleado do Sr. Grimsone no dia seguinte foi mostrar o bolso a um medico, o qual, depois de examinal-o, declarou: que os polnos erão totalmente do sangue, que havia moado um pedaco de cartilagem adherida ao assassino pé do bolso, mas que nenhuma impressão não tinha servido ao assassinato de Canora, por isso que não havia penetrado no corpo algum, porém foz simplesmente um ferimento superficial.

Recomendo, portanto, que Grimsone a terna de descobrir os vestigios de um dos bilhetes dadas pelo laqueado á sua filha. Para isso elle e o seu allado o homem que seguira de perto a illota na escada do cambio de ferro, enviaaram todos os esforços para nunca perdê-lo de vista e illota Harrgrave costumava frequentar uma meia duzia de public-houses immundas; o agente policial acompanhava-o em todas ellas, achando sempre um pretexto para não desportar a lealdade de illota.

Não obstante tudo pôde descobrir. Todas essas investigações deram em resultado saber que Harrgrave nunca foz visto trocando bilhete algum. Suas disposições diarias, e sobretudo, eram um pouco misteriosas do que outrora, porém elle não se pagava senão em moedas moedas de prata. Grimsone indagou se o illota tinha algum amigo ou comparsa, porém todo o descriptivo de culme que o alvo de suas attentões se pizava viria, por assim dizer, ao mundo. Tendo ganho a confiança da dona da espede de postagem em que se movia a illota, Sr. Grimsone pôde visitar todos os escondites da casa, mas sempre em vão.

(Continua.)



*Te Deum, que a padroaria cantará em seguida ao do Corpo de S<sup>ta</sup> Anna.  
O clero, reconhecido ao governo pela repinçeira que lhe proporcio-  
na, erguerá o altar acima, cujos adornos captejam a situação actual do país.*